Achylles Porto Alegre e sua cidade estrangeira

Achylles Porto Alegre and his foreign city

Henrique PERIN

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

RESUMO

Este artigo analisa as possíveis interpretações da história urbana da cidade de Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul, Brasil, a partir da visão do cronista Achylles Porto Alegre como um *estrangeiro* no centro urbano. Entendendo que a narrativa do passado nos leva a um *país estrangeiro*, segundo David Lowenthal, é possível ler as crônicas de Achylles, jornalista e historiador brasileiro, atuante entre o final do século 19 e o início do século 20, como a história de um viagem a um país distante e exótico. A obra do cronista, concebida sob os auspícios do romantismo, traz à tona a cidade perdida dos séculos XVIII e XIX, muitas vezes comparando-a com a do século XX, construindo a imagem de outra cidade, de uma cidade estrangeira, de outra época e lugar.

PALAVRAS CLAVE

Romantismo; Cidade; Crônicas; Achylles Porto Alegre.

ABSTRACT

This article discusses possible interpretations of the urban history of the city of Porto Alegre, capital of Rio Grande do Sul, Brazil, through the vision of the chronicler Achylles Porto Alegre as a *foreigner* in the urban centre. Understanding that the narrative of the past takes us to a *foreign country*, according to David Lowenthal, it is possible to read the chronicles of Achylles, a Brazilian journalist and historian active at the end of the 19th and early 20th century, as the report of a trip to a distant and exotic country. The chronicler's work, once conceived under the auspices of Romanticism, brings to light the city of the 18th and 19th century, often comparing it with that of the 20th, constructing an image of another city, a foreign city, in another time and place.

KEYWORDS

Romantism; City; Chronicle; Achylles Porto Alegre.

Artículo recibido el 10-5-2021 y admitido a publicación el 10-11-2021.

<https://doi.org/10.5565/rev/rubrica.235>

Rubrica Contemporanea, vol. X, n. 20, 2021
ISSN. 2014-5748

As cidades, desde o momento em que se reconheceram como cidades, são um elemento recorrente na literatura. Seria possível discorrer durante páginas sobre as relações sincrônicas e diacrônicas entre o agente social –afinal, um centro que se vê urbano necessariamente precisa de indivíduos que o façam viver, ou ao menos, que escrevam sobre ele– e o recorte espacial e temporal no qual interage o elemento humano, pois como bem escreveu Angel Rama¹, uma cidade, antes de existir, precisa ser escrita. A urbs, enquanto espaço de sociabilidades, de tensões entre visões do passado, de interação com o presente e as perspectivas de futuro, já foi cenário e objeto de inúmeros profissionais e amadores (quando escrevo “amadores”, refiro-me ao uso primeiro do termo, do latim *amator*, de um indivíduo que ama alguma coisa, e neste caso, a cidade e o modo como interage com ela), sempre oferecendo perspectivas distintas conforme o prisma de quem observa, gravando na retina e na memória os diversos quadros que o centro urbano oferece.

Uma possibilidade para trabalhar com a intersecção entre história e literatura, tendo a cidade como objeto primário, surge quando pensamos na premissa de David Lowenthal que “o passado é um país estrangeiro”². Ou seja, as memórias que ajudam a construir o meio urbano enquanto representação da ação humana, sejam estas lembranças particulares ou coletivas, constroem, na recordação de quem as mantém, um outro país, um país estrangeiro e exótico. No caso deste artigo, apenas trocaremos o termo “país” por “cidade”. Pensando na invenção de uma urbe distante e estrangeira, que vive entre memórias e construções literárias, articulando-se com a criação de um passado para a cidade de Porto Alegre, no sul do Brasil, as crônicas e contos de Achylles Porto Alegre apresentam-se como elemento central na elaboração de tal obra. E resalto *criação de um passado* ao invés de outros termos, pois, enquanto professor, poeta, cronista, romancista, jornalista, contista e biógrafo, e recorrentemente se identificando como historiador, Achylles resgata nas memórias, suas e de outrem, o substrato para escrever sobre a urbe. A cidade de Porto Alegre, enquanto objeto de sua escrita, foi aquarelada com diversos tons com os quais cronista (re)criou, à sua própria maneira, uma capital sulina, legando a seus leitores um vislumbre da urbs que existe apenas em suas memórias.

Os nomes das ruas, os prédios e transeuntes que Achylles via nos primeiros anos do século XX se misturavam com os de sua infância; antigos personagens da Porto Alegre da juventude de Achylles –e mesmo mais antigos– personificam-se no olhar saudosos e melancólicos do escritor. Ora emprestando sua pena para dar voz aos primeiros moradores da capital, ora colocando os personagens contemporâneos no centro de suas crônicas, Achylles dialoga com a cidade moderna, mas ao modo que Michel Löwy e Robert Sayre definem como “crítica moderna da modernidade”³. Mesmo revoltados contra a modernidade e os malefícios que o progresso e o constante crescimento urbano apresentavam, os escritores românticos não poderiam deixar de ser influenciados pela sua época, e, desse modo, ao reagir contra a modernidade, eles se manifestam em termos modernos, ainda que de maneira velada, subjetivo e ambíguo. Achylles Porto Alegre, por sua vez, não se furta desta sina.

O passado rememorado em forma de crônicas, contos, poesias e romances não é exclusividade brasileira. Löwy e Sayre não se aventuram nesta seara quando discutem

1. Angel RAMA, *A cidade das letras*, São Paulo, Boitempo, 2015.

2. David LOWENTHAL, *The past is a foreign country*, Cambridge, Cambridge University Press, 2015.

3. Michael LÖWY e Robert SAYRE, *Revolta e melancolia*, São Paulo, Boitempo, 2015.

as possibilidades e características da produção literária do Romantismo no século XIX: seus exemplos versam sobre o romantismo europeu, mas que não deixam de refletir na literatura sul-americana⁴. A percepção da aceleração do tempo, a crítica moderna enquanto instrumento da modernidade, assim como a construção do discurso dos escritores do século XIX, utilizando as mais diversas ferramentas e encontrando uma miríade de possibilidades para escrever seus romances, também ecoou do outro lado do Oceano Atlântico. A literatura romântica e a polarização passado/moderno estão presentes na obra de Achylles e são perceptíveis principalmente quando o autor rememora e traça paralelos entre a cidade na qual vive, no alvor do século XX, com a Porto Alegre da primeira metade do XIX e mesmo a do último quarto do XVIII. Essa recusa romântica do cronista em legitimar um progresso industrial e capitalista é construída com base em valores e ideais resgatados de um passado que não pode mais ser revivido, mas apenas evocado⁵. A cidade construída por Achylles em suas crônicas, esta Porto Alegre estrangeira que ofusca e ensombrece a percepção da aceleração do tempo sobre a metrópole, é erigida em nosso olhar quando acessamos a memória construída pelo cronista, que, por sua vez, reconstitui, peça por peça, a imagem de acontecimentos passados para edificar uma lembrança que não é apenas dele, mas de todo um organismo coletivo. Essa (re)construção opera com base em dados, memórias e acontecimentos que se encontram no espírito da cidade⁶, dos personagens que ajudaram a criar Porto Alegre enquanto cidade, e mesmo como um conceito de cidade⁷.

Apontamentos bibliográficos

Há a necessidade de utilizar algumas linhas para a apresentação do cronista, visto que poucos são os pesquisadores que o conhecem e ainda mais raros os que o estudam. Achylles Jozé Gomes Porto Alegre nasceu na cidade portuária de Rio Grande, no estado do Rio Grande do Sul, no Brasil, em 29 de março de 1848. Filho do inspetor de alfândega Antônio Jozé Gomes Porto Alegre, mudou-se para a capital Porto Alegre em 1859 junto a seu pai, sua mãe, Joaquina Delfina da Costa Campelo, e seus irmãos, Apollinario e Apelles⁸. Informações sobre seus primeiros estudos não puderam ser acessados por meio de documentos, mas suas crônicas e reminiscências são uma fonte valiosa para o preenchimento desta lacuna, do mesmo modo como as informações de João Maia⁹, Ari Martins¹⁰ e Sérgio da Costa Franco¹¹. Os três autores apontam que Achylles estudou no Colégio Gomes –fundado por Fernando Ferreira Gomes, seu primo–, no Colégio Rio-Grandense e na Escola Militar, todos em Porto Alegre. Não há

4. Ibidem.

5. Ibidem.

6. Pablo FERNÁNDEZ CHRISTLIEB, *El espíritu de la calle*, México, Anthropos Editorial, 2004.

7. Maurice HALBWACHS, *A memória coletiva*, São Paulo, Edições Vértice, 1990.

8. Maria Eunice MOREIRA, *Apolinário Porto Alegre*, Porto Alegre, IEL, 1989.

9. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul*, Porto Alegre, vol. 1, 1926.

10. Ari MARTINS, *Escritores do Rio Grande do Sul*, Porto Alegre, Ed. Universidade/UFRGS, 1978.

11. Sérgio DA COSTA FRANCO, *Porto Alegre. Guia histórico*, Porto Alegre, Ed. Universidade/UFRGS, 1998.

dados quanto aos estudos primários de Achylles ainda na cidade de Rio Grande, embora eles tenham existido, conforme Martins¹².

Apesar da falta de documentação que ateste sua trajetória escolar, sabe-se que o escritor não realizou estudos em nenhum curso superior. A cidade de Porto Alegre só teve sua primeira faculdade em 1895, com a criação da Escola de Química e Farmácia, e em seguida, ainda no final do século XIX, a Escola de Engenharia, quando o cronista já contava com 50 anos de idade. Jornalista, escritor, biógrafo, poeta, cronista, funcionário público, historiador e professor, Achylles participou da fundação da Academia Rio-Grandense de Letras em 1901, ocupando a cadeira de número 10, e do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, em 1920; foi funcionário da Tesouraria da Fazenda de Porto Alegre, em 1880, e aposentou-se como inspetor escolar, função que exerceu a partir de 1900. Foi coproprietário do *Jornal do Commercio* entre 1884 e 1903, diretor dos periódicos *O Mosquito* e *A Escola*, ambos em 1889, assim como de *A Notícia*, em 1896¹³. Achylles também escreveu para o jornal *Correio do Povo* por mais de 20 anos, utilizando o pseudônimo *Carnioli*. Colaborou também com a coluna *Instantâneos*, série de perfis e biografias sobre escritores contemporâneos, a partir de novembro de 1904, e assinou a coluna *Reminiscências*, em 1922, também no *Correio do Povo*. Quanto aos seus serviços prestados às sociedades literárias do Rio Grande do Sul, Benedito Saldanha¹⁴ coloca Achylles, junto a seus irmãos, como um dos fundadores do Partenon Literário em 18 de junho de 1868, entidade difusora da literatura no Rio Grande do Sul. Segundo Maria Eunice Moreira, a sociedade possibilitou não apenas a divulgação de poemas, novelas e peças de teatro, mas também de ensaios de cunho histórico e narrativo, condizentes com os movimentos políticos e sociais da sociedade porto-alegrense. A autora afirma que

a Sociedade Partenon Literário aglutinou os valores de ordem política – a independência e o liberalismo, remontando ao tempo da época farrapa – e os transformou em matéria para a criação literária, deixando-se conduzir pelas sugestões emanadas do Romantismo [...]. O Partenon Literário conjugou finalidades literárias e políticas, do que resultou sua importância para a compreensão de um período histórico e para o estudo do nascimento da literatura do Rio Grande¹⁵.

De acordo com Charles Monteiro, Achylles descreve Porto Alegre em suas crônicas, mas diferenciando-a entre a antiga e a nova urbe, conferindo a seus escritos a condição de lugares de memória da capital e marco de suas lembranças sentimentais, sempre revisitadas em suas narrativas enquanto *flâneur* no centro da cidade. Monteiro aponta:

A busca de uma “ponte” entre um passado ameaçado de desaparecimento e um presente marcado pela mudança faz Aquiles [Achylles] tramar em suas crônicas os fios das recordações do passado e das experiências do presente. Ele escreveu para compartilhar esse saber com os seus contemporâneos e religar-se com o passado, tendo o leitor como testemunha e cúmplice da elaboração da memória de suas experiências urbanas. Ele estava a dialogar com os companheiros de jornada e as novas gerações, às quais ele transmitia esse saber como um legado, uma herança que julgava vital preservar do

12. MARTINS, *Escritores do Rio Grande do Sul*.

13. Ibidem.

14. Benedito MELGAREJO SALDANHA, *A mocidade do Partenon Literário*, Porto Alegre, Editora Alcance, 2003.

15. Maria Eunice MOREIRA, *Narradores do Partenon Literário*, Porto Alegre, IEL, 2002, p. 11.

esquecimento. Aquiles [Achylles] criou uma ponte através de sua escrita para reestabelecer laços com o passado e criar um lugar de memória para si mesmo¹⁶.

Quando faleceu, em 1926, o necrológio publicado na imprensa porto-alegrense rememorava a profícua atividade de cronista do “venerado ancião”, que deixava uma vasta obra dedicada à “revivescência do passado”, reconstituindo “os faustos de tempos anteriores”. Do final do século XIX até o fim de sua vida, Achylles publicou 23 obras com temas e abordagens variadas, abarcando crônicas, poemas, contos, biografias e narração de fatos do passado do Rio Grande do Sul e da cidade de Porto Alegre. Suas obras, elencadas tanto por Pedro Villas-Bôas quanto por Ari Martins¹⁷ são: *O Tropeiro* (1872) e *A Velha Quitéria* (1875), romances; *A Escrava Fugitiva* (1869), *Iluminuras* (1884), *Esculturas - Versos* (1889), *Flores de Gelo* (1897) e *Val de Lírios* (1910), poemas; *Fantasia* (1894), *Contos e Perfis* (1910), *Folhas Caídas* (1912), *Através do Passado* (1920), *Flores entre Ruínas* (1920), *Jardim de Saudades* (1921), *Paisagens Mortas - Reminiscências* (1922), *Noutros Tempos* (1922), *Serões de Inverno* (1923), *Noite de Luar* (1923), *À Sombra das Árvores* (1923), *À Beira do Caminho* (1923), *Palavras ao Vento* (1925) e *Prosa Esparsa* (1925), crônicas e contos; *Homens Ilustres do Rio Grande do Sul* (1916), *Vultos e Fatos do Rio Grande do Sul* (1919) e *Homens do Passado* (1922), biografias de personalidades relevantes do Rio Grande do Sul. Villas-Bôas indica a presença de mais uma obra, *Lições de análise gramatical*, mas reitera, entretanto, que tal livro nunca fora encontrado ou sequer mencionado pelo próprio Achylles. Com o pseudônimo de *Manfredo*, Achylles colaborou em ao menos 50 ocasiões com a *Revista Mensal do Partenon Literário*, seja com poemas, notas, narrativas, biografias ou crônicas¹⁸, além de exercer a presidência da agremiação no ano de 1879¹⁹.

Crônicas, cidade e memória

Ao analisar as reminiscências de escritores e jornalistas, relatos de viajantes ou outras rememorações, é possível perceber uma criação narrativa de determinado fato ou momento, mas não todas as possibilidades de leituras sobre o assunto. Lowenthal ensina que a percepção do passado e da história, até meados do século XIX, fora compreendida de maneira muito próxima ao de um *tempo presente*, ou seja, como um pensamento linear e unidimensional, não percebendo o hiato entre a vida pretérita e os acontecimentos de antanho: ambos, presente e passado, se amalgamavam em uma mesma linha temporal, fazendo parte do mesmo momento histórico²⁰. De maneira distinta, Achylles Porto Alegre escreve sobre uma urbe em crescimento constante, que vive sua *Belle Époque*, mas que ganha contornos rurais em suas rememorações. A cidade de Porto Alegre, em sua crônica, é apresentada como uma cidade distante, mas próxima o suficiente para que possa ser vista, por exemplo, através de uma janela, como

16. Charles MONTEIRO, *Porto Alegre e suas escritas: histórias e memórias da cidade*, Porto Alegre, Edipucrs, 2006, pp. 317-318.

17. Pedro VILLAS-BÔAS, *Notas de bibliografia sul-rio-grandense*, Porto Alegre, IEL, 1974 e MARTINS, *Escritores do Rio Grande do Sul*.

18. Lothar Francisco HESSEL, *O Partenon Literário e sua obra*, Porto Alegre, IEL, 1976.

19. Mauro Nicola PÓVOAS, *Uma história da literatura: periódicos, memória e sistema literário no Rio Grande do Sul do século XIX*, Porto Alegre, Buqui, 2017.

20. LOWENTHAL, *The past is a foreign country*.

um semblante que se oblitera no exato momento em que o leitor fixa seu olhar na paisagem.

Acompanhando outros escritores românticos, o cronista era, ao mesmo tempo, entusiasta e crítico da vida moderna. Marshall Berman apresenta esta característica dual como um ponto comum entre os pensadores, literatos e políticos no século XIX, com suas ironias (autoironia, em muitos casos), suas crises particulares e seus embates desesperados, que colocavam, em um polo suas certezas, e do outro, suas ambiguidades, sempre tencionando a produção intelectual oitocentista²¹.

Antes de acompanharmos as andanças de Achylles por sua Porto Alegre do passado, entretanto, tem-se a necessidade de ponderar brevemente sobre os conceitos de romantismo e crônica. Segundo Paulo Rónai²², apesar do conceito de *crônica* remeter a uma composição relacionada à modernidade, sendo veiculada em revistas e jornais, tendo sua existência e seus usos balizados pela era capitalista, sua origem é muito mais antiga e designa uma narração histórica por ordem cronológica, relacionando ao mito de *Chronos* e ligando a passagem do tempo ao movimento sequencial, representando a efemeridade da vida.

Hayden White por sua vez, designa a crônica como um dos elementos que estruturam a narrativa histórica e que realiza um processo de determinação, triagem, e organização de dados e informações de caráter histórico, mas ainda “não processados”²³, cujo produto remete à configuração destes registros em documentos acessíveis para um determinado público. A transformação da crônica em um elemento de estrutura narrativa ocorre devido à sua submissão a um conjunto de acontecimentos permeados por três operações, sendo elas: iniciais, de transição e conclusivas. A operação inicial é caracterizada como o simples registro de um evento inicial, que pode ser simplesmente uma data, um local e um personagem; a de transição indica ao público a suspensão de expectativas, ao menos temporariamente, quanto aos fatos nele contidos; por fim, a operação conclusiva aponta o fim ou a conclusão visível de determinado processo.

A crônica de eventos, assim, é concluída e transfigurada em um dos elementos de uma estrutura narrativa, o que a torna passível de questionamentos, como se ela não passasse de uma estrutura sincrônica de relações. Quando hoje tratamos deste gênero, referimo-nos, especialmente no caso brasileiro, ao relato, ou muitas vezes comentários de fatos corriqueiros, do dia a dia; ocorrências atuais que abastecem o escopo de notícias de jornais, principalmente após sua transformação em empresas, no início do século XX. A crônica virou uma seção, não um simples apêndice do jornal.

Analisando as crônicas de Achylles enquanto estrutura narrativa, encontramos inúmeras percepções do escritor sobre a sociedade, a crescente urbanização e modernidade da capital sul-rio-grandense, como, por exemplo, quando Achylles relata o desaparecimento de edifícios que dariam lugar a outras construções, maiores, mais pomposas e higiênicas. As edificações antigas, acanhadas e tímidas, transformaram-se em “modernices elegantes”, e o cenário urbano que o escritor conhecera se transfigurava ao toque do “progresso”, cuja ação “varreu todo esse ‘lixo histórico’ para

21. Marshall BERMAN, *Tudo o que é sólido desmancha no ar*, São Paulo, Companhia das Letras, 2007.

22. Paulo RÓNAI, “Um gênero brasileiro: a crônica”, em Richard PRETO-RODAS, Alfred HOWER y Charles PERRONE (eds.), *Crônicas brasileiras: nova fase*, Florida, University Press of Florida, 1994.

23. Hayden WHITE, *Meta-História*, São Paulo, Editora da USP, 1992.

alindar a ‘urbs’”²⁴. A transformação e a modernização da cidade relegaram ao esquecimento seus vestígios do passado. A produção literária de Achylles se configura como um esforço para resgatar e guardar a lembrança de uma cidade que se ressentia de lugares físicos para lembrar sua história, servindo como ponto de ancoragem e cristalização da memória dos espaços urbanos²⁵.

Estes relatos, sempre contrapondo a metrópole moderna com a urbe antiga, são compreendidos por Viviane Mahieux como um ponto em comum entre os jornalistas do período pré-industrial sul-americano²⁶. As crônicas podem, assim, ser utilizadas como fonte para entender as drásticas mudanças marcadas pela modernização e pelo crescimento urbano, relacionando a experiência do cronista com a memória coletiva de Porto Alegre e com o que Fernando Catroga delimita como tensão tridimensional do tempo²⁷. A flexibilidade do gênero no cotidiano dos centros urbanos na América Latina, a relação do escritor e do leitor, assim como o papel da crônica na construção e nas modificações urbanas, ajudam-nos a perceber a maneira como Achylles retrata o passado de uma capital cujos traços memoriais, originários de construções coletivas, ajudaram a descrever uma outra cidade. Delimitando a crônica conforme o que aponta Viviane Mahieux, como uma “expressão que não pode estar dissociada da vida como práxis dos homens”²⁸, é possível identificar duas particularidades na redação do texto de Achylles: ele é simultaneamente literário e urbano. E por comportar estas duas qualidades, sua crônica pode realizar o que Michel de Certeau aponta como operação historiográfica:

A história é um discurso que coloca em ação construções, composições, figuras que são aquelas de toda escritura narrativa, logo, também da fábula, mas que, ao mesmo tempo, produz um corpo de enunciados científicos, se entendermos por isso a possibilidade de estabelecer um conjunto de regras que permitem controlar operações proporcionais à produção de objetos determinados²⁹.

A mistificação do centro urbano ocorre em decorrência de uma visão perspectiva (e prospectiva) que constitui uma projeção ao mesmo tempo de um passado obnubilado e de um futuro ainda incerto. Esta concepção, na qual se confundem o passado e o futuro, a prospecção e a perspectiva, transforma o conceito de cidade em algo tangível, antes inclusive do próprio conceito de cidade ser capaz de dar origem a uma figura palpável. Unir *cidade* ao seu conceito não os torna idênticos, mas é possível aproveitar a simbiose entre ambos para compreender o planejamento de um centro urbano. Ao mesmo tempo que pensamos na pluralidade de narrativas que a urbe oferece, delimitamos de que maneira se pensa esta multiplicidade e como é possível articulá-la. Segundo Michel de Certeau, “O desejo de ver a cidade precedeu os meios de satisfazê-lo. Planejar uma cidade é tanto pensar a própria pluralidade do real quanto efetivar essa maneira de pensar o plural; é saber como articulá-lo e ser capaz de fazê-lo”³⁰.

24. Achylles PORTO ALEGRE, *Através do passado*, Porto Alegre, Livraria do Globo, 1920, p. 34.

25. MONTEIRO, *Porto Alegre e suas escritas*.

26. Viviane MAHIEUX, *Urban Chroniclers in Modern Latin America: The Shared Intimacy of Everyday Life*, Austin, Texas University Press, 2011, <https://doi.org/10.7560/726697>.

27. Fernando CATROGA, *Memória, História e historiografia*, Rio de Janeiro, Editora FGV, 2015.

28. MAHIEUX, *Urban Chroniclers in Modern Latin America*, p. 289.

29. Michel DE CERTEAU, *A escrita da história*, Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2002, p. 100.

30. Michel DE CERTEAU, “Andando na cidade”, em *Revista do patrimônio histórico e artístico nacional*, n. 23, (1994), p. 22.

Parafraseando Angel Rama, dentro de uma cidade sempre há uma outra cidade, elaborada pela elite urbana sobre o espaço e seus habitantes³¹.

Delimitando a corrente romântica literária e o modo como ela pode influir na concepção moderna das crônicas de Achylles, novamente Löwy e Sayre³² vem à lume. Utilizando um extenso rol de definições para tratar de termos como “romântico” e “romantismo”, os autores apontam para uma unidade real nos diversos usos dos termos, operando na criação de uma comunidade de sensibilidades. O romantismo representa a crise da modernidade, no caso da moderna civilização industrial em prol de valores e dos ideais de um passado pré-capitalista e pré-moderno e visto como a visão de um mundo que se constitui enquanto forma específica de crítica da modernidade.

O romantismo é visto como uma crítica moderna da modernidade, pois mesmo revoltados contra o capitalismo e o progresso industrial, suas novas sociabilidades e instrumentos modernos, os românticos não poderiam deixar de ser influenciados pela sua época, e ao reagir contra a modernidade eles se manifestam em termos modernos, mesmo de modo velado, subjetivo e ambíguo. O romantismo é apenas uma maneira de criticar o mundo moderno, cuja visão romântica caracteriza-se pela convicção dolorosa e melancólica de que o presente carece de determinados valores humanos essenciais. É assim que se explica o paradoxo aparente de que o passadismo romântico também pode ser um olhar para o futuro: a imagem de um futuro sonhado, além do mundo atual, inscrito na evocação de uma era pré-capitalista³³.

Uma das características do romance no Brasil, mais especificamente durante o Segundo Reinado no Brasil (1840-1889), é o *bovarismo*, ou em outros termos, a busca por uma identidade europeia nos trópicos brasileiros. Essa retomada de contatos com as correntes literárias europeias assumiu o aspecto de um período renascentista com tons medievalistas e greco-romanos. Elemento externo ao Brasil, quando aqui instalado, o bovarismo teve como componente principal o *historicismo*, e não menos importante, o estetismo. Com o romance vinculado à tríade *Deus, Natureza, e Homem*, percebe-se uma forte vinculação religiosa e a disputa entre as duas margens de um abismo: a barbárie, por um lado, e a civilização, por outro. Essa tentativa de buscar uma nacionalização aos moldes europeus no Brasil não tardou a ser substituída por uma tendência mais cosmopolita, principalmente após a implementação da república, em 1889. Este novo estado de espírito proporcionado pela urbanização da ex-colônia, depois ex-metrópole e enfim país, independente, democrático e reconhecido como tal, entretanto, não apresentou carisma suficiente para que seus intelectuais abandonassem as influências europeias, o que propiciou a aclimatização da corrente Naturalista em solo brasileiro³⁴. Flora Süssekind aponta a dificuldade em compreender a relação entre a busca de uma identidade nacional e a constituição de um romance exclusivamente brasileiro. O Naturalismo, como expressão do romance nacional, surge em um momento de fratura, obnubilando as possibilidades de gerar maior conhecimento sobre o caráter periférico do país e ocultando sua “orfandade” das influências coloniais e a falta de uma identidade própria brasileira.

31. RAMA, *A cidade das letras*.

32. LÖWY e SAYRE, *Revolta e melancolia*.

33. Ibidem.

34. FLORA SÜSSEKIND, *Tal Brasil, qual romance? Uma ideologia estética e sua história: o naturalismo*, Rio de Janeiro, Achiamé, 1984.

As relações territoriais entre o Brasil, a Argentina e o Uruguai não podem ser balizadas apenas por perspectivas relacionais, limitações territoriais ou mesmo vernáculas. Aldyr Garcia Schlee afirma que o regionalismo fronteiriço da geografia platina se impõe acima das divisas nacionais e das particularidades linguísticas, desconhecendo barreiras e reproduzindo uma paisagem estática apenas quando pintada em um quadro, mas que em verdade compartilha imensos pampas fervilhantes de dissonâncias e campos sem fronteiras onde predominam diferenças de tons³⁵. A descrição de um ambiente físico que subjuga os agentes sociais, do mesmo modo como a sacralização da natureza, o que lhe concede o *status* de personagem, não é recorrente apenas na literatura regionalista sul-rio-grandense, mas pode ser estendida pelas demais fronteiras na qual predomina o gaúcho –no caso sul-rio-grandense–, ou *gaucho*, nas regiões platinas.

Desempenhando aguda relevância no imaginário, como escreve João Pinto da Silva³⁶, esta tríplice fronteira que não encontra barreiras naturais se apresenta nas mais variadas matizes, surpreendendo pelos traços de curiosa dissemelhança. Se este meio físico é compartilhado pelos três países, então é possível pensar no papel que a natureza desempenha neste triplo matrimônio: as particularidades de cada região, quando visualizadas sob uma mesma lente, apresentam características similares. O espaço físico e natural por excelência é o *pampa*, seja no Uruguai ou na Argentina, mas quando não é adotado com o mesmo nome no Rio Grande do Sul, ganha a alcunha de *campanha*. O que na prática não altera sua natureza, apenas a maneira como o nomeamos. Neta região platina destaca-se, na literatura, a construção de semelhanças entre os agentes civilizatórios e urbanos. Um dos principais exemplos é Domingo Sarmiento, cuja obra *Facundo, ou Civilização e Barbárie*, de 1845, apresenta a Argentina como um local de tensões entre o urbano e o campo. A obra de Achylles deve ser analisada por este prisma do gênero romântico, mas em sua vertente regionalista, do mesmo modo como a melancolia insinua-se como elemento usual em sua produção literária, configurando-se, inclusive, como uma das motivações de sua escrita. Não há a necessidade de repassar as etapas que levaram o Indianismo, linha do romantismo brasileiro, a transformar-se na corrente regionalista sulina, mas, como aponta Maria Eunice Moreira, este último acompanha a evolução da prosa de ficção brasileira desde os seus esforços iniciais para se libertar das influências europeias³⁷. Se a produção literária brasileira durante o período colonial era demasiadamente sujeita à estética portuguesa, assim que o Brasil se tornou politicamente independente deflagrou-se uma corrente localista, cuja primeira expressão foi o efêmero Indianismo, sucedido pelas diversas orientações do regionalismo.

Maria Eunice Moreira³⁸ destaca que a *natureza*, ou melhor, a *paisagem*, é uma das características básicas que ressaltam o regionalismo literário sulino. Apropriando-se dessa premissa, na qual o meio físico exerce protagonismo na produção literária do Rio Grande do Sul no período que abrange o final do século XIX e o início do XX, e

35. Aldyr GARCIA SCHLEE, “Integração cultural regional” em Maria Helena MARTINS, *Fronteiras culturais*, Porto Alegre, Ateliê Editorial, 2002.

36. João PINTO DA SILVA, *História literária do Rio Grande do Sul*, Porto Alegre, Instituto Estadual do Livro, 2013.

37. Maria Eunice MOREIRA, *Regionalismo e literatura no Rio Grande do Sul*, Porto Alegre, EST/ICP, 1982.

38. Ibidem.

utilizando os apontamentos de Löwy e Sayre³⁹ acerca do romantismo, da melancolia e da necessidade de reencontrar no passado o que se perdeu no presente moderno, a produção literária de Achylles Porto Alegre pode facilmente ser compreendida como uma “revolta” contra a modernidade. A capital gaúcha, ao crescer e expandir-se a partir da metade do século XVIII, tornou-se mais complexa, e este processo de crescimento urbano deixou marcas, vestígios materiais e escritos que ajudam a compreender como a cidade cresceu e se modernizou⁴⁰.

As crônicas de Achylles, muitas das quais redigidas após a Proclamação da República em 1889, são fruto de sua *flânerie* e testemunhas das transformações de Porto Alegre durante os governos estaduais de Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros, chefes do Partido republicano e reformadores positivistas entre 1891 e 1928. As mudanças implantadas nas áreas administrativas, educacionais e físicas não deixam de chamar a atenção do cronista, que aponta:

Porto Alegre desenvolveu-se, com prejuízo de outras cidades mais velhas, devido à sua excelente posição geográfica. Entretanto é preciso notar-se que a cidade só começou a engrandecer-se depois do advento da República. Entregue a situação ao pugilo inteligente e forte de moços republicanos, com Júlio de Castilhos á frente, de logo começou a construção regeneradora. “Tudo está por fazer!” Exclamava Júlio de Castilhos pelas colunas de A Federação. E tudo começou a ser feito, com vontade férrea e pulso forte⁴¹.

Republicano, Achylles vê nos períodos colonial e imperial uma Porto Alegre acanhada, muito diferente da cidade que se encontra sob os auspícios da república. A cidade se moderniza e se regenera, não é mais um acanhado “povoado de roça”, como o escritor irá se referir em outra crônica, na qual são perceptíveis as referências ao meio físico, uma das principais características da vertente regionalista gaúcha do Romantismo. A paisagem, agora, parece estática, sem a ação humana, o que corrobora o sentimento moderno anticapitalista e o retorno ao passado fugidio. Achylles descreve do seguinte modo a Porto Alegre que se encontrava às vésperas da República:

Há uns quarenta anos a nossa cidade vivia em completo abandono. Tinha assim os ares de um povoado da roça. As nossas praças serviam apenas de depósito de lixo e outras imundícies. A Praça do Portão, apesar de estar plantada no centro da cidade, não escapava a essa lei, que atacava tudo. Era um largo mal cuidado, com valos abertos pelas enxurradas e ou um ou outro monte de lixo que apodrecia ao ar livre⁴².

Não é mencionada em nenhum momento, ao menos diretamente, a ação humana neste trecho: o foco mantém-se no espaço público e na descrição do meio físico. É a praça que está suja; é a praça que é malcuidada. A elaboração deste *personagem*, o aspecto físico, não um ser de encarnado, também leva ao estabelecimento da oposição entre o passado e o presente, algo constantemente evidenciado pelos escritores regionais sul-rio-grandenses⁴³. A natureza é um elemento caro à vertente regional do Romantismo, do mesmo modo que o detalhamento da descrição do ambiente, no qual os

39. *Revolta e melancolia*.

40. Sandra JATAHY PESAVENTO, *O Imaginário da Cidade: visões literárias do urbano*, Porto Alegre, Ed. Universidade/UFRGS, 1999.

41. PORTO ALEGRE, *Através do passado*, p. 45

42. *Ibidem*, p 76.

43. MOREIRA, *Regionalismo e literatura no Rio Grande do Sul*.

aspectos físicos e geográficos adquirem personificação. Guilhermino César⁴⁴ esclarece que os escritores românticos brasileiros elegeram temas nacionais como o mote de sua produção, o mesmo ocorrendo com os escritores sul-rio-grandenses: os dotes naturais, ainda intocados pela civilização, o passado bucólico, mais palatável que o presente moderno e civilizado, são explorados pela pena de Achylles. Em outra crônica, Achylles exalta as qualidades naturais do Morro Sant’Ana, localizado nos arrabaldes de Porto Alegre e onde o urbano cede seu lugar para o campo:

O Morro de Sant’Ana é o berço da cidade de Porto Alegre, todavia não se deixou absorver pela civilização invasora e empolgante, e ainda hoje conserva fortes vestígios do passado. [...] Além disto, em certas classes de seus habitantes, ainda agora predomina o uso do vocabulário sul-rio-grandense, tão pitoresco e imaginoso. [...] Em julho de 1885, Apolinário José Gomes Porto Alegre, republicano da propaganda e mestre da mocidade republicana de seu tempo, adquiriu, por compra, a casa Branca. Ela conservava a sua rusticidade antiga e o novo proprietário, pondo à peito em reformá-la, conservando-lhe a feição primitiva, com o firme propósito de fazer reviver até os seus dias a histórica e tradicional casa sem perder o cunho da época gloriosa em que tanto se destacara⁴⁵.

Achylles, em diversas crônicas, também converte sua cidade em paisagem, e, se o autor aponta a necessidade de mudanças *in situ*, no caso modificações diretas para *arteficiar* esta metrópole que ainda tinha uma forte característica bucólica, pedindo a interferência humana para adequar a urbe ao gosto estético moderno –e neste ponto não consigo deixar de pensar na *invenção* de *Beauce* pela égua de Gargantúa e na dominação da natureza por Fausto de Goethe–, tal desejo ocorre da operação de escrita pela qual o autor submete suas crônicas. Estas crônicas, objetos modernos de relato temporal, corroboram o entendimento que Hayden White concede às mesmas⁴⁶. São dados, informações e memórias que se transfiguram em crônicas na concepção moderna que os séculos XIX e XX lhe imputam. No caso de Achylles, a rememoração da cidade de Porto Alegre está ligada à construção moderna de seu conceito. A escritura de romances, novelas, crônicas e poemas que apresentavam sobre a capital sulina e suas relações urbanas foi uma “resposta moderna à modernidade”, como apontam Löwy e Sayre⁴⁷, e que contribuiu de forma ímpar na tarefa de expor o papel diacrônico que Porto Alegre exerceu nos textos de Achylles, assim como na operação *in visu* que faz o cronista repousar seus olhos na cidade e perceber as modificações estéticas adequadas ao gosto moderno.

Enquanto produto da modernidade, os escritos de Achylles também nos ajudam a compreender como o cronista percebia a ação humana sobre a natureza. Se aprendemos a *ver* segundo a mediação comunicativa entre palavras e imagens, como indica Denis Cosgrove⁴⁸, as *formas de ver* que os escritores se utilizam, passam, progressivamente, a serem convertidas como maneiras naturais de concepção, seja pictórica, seja escrita. Não é mais o que se mostra que se sobressai ao olhar do cronista, mas o que poderia ser, o que tem a perspectiva de se tornar. O que não está ofertado, o

44. Guilhermino CÉSAR, *História da literatura do Rio Grande do Sul (1737-1902)*, Porto Alegre, Corag, 2006.

45. PORTO ALEGRE, *História popular de Porto Alegre*, pp. 72-73.

46. WHITE, *Meta-História*.

47. *Revolta e melancolia*.

48. DENNIS COSGROVE, “Observando la naturaleza: el paisaje y el sentido europeo de la vista”, *Boletín de la A.G.E.*, 34 (2002), pp. 63-89.

que não se encontra à disposição, é o que captura a atenção de Achylles. Apenas o que ainda não existente é o que atrai e se torna mote de sua crônica.

Uma dessas tardes, ia ao bonde, quando, ao chegar à rua da Figueira, resolvi descer ali para avivar saudades daquele sítio que me fala tanto ao coração. E encaminhei-me para contemplar de cima da Ponte de Pedra, que ali existe, à hora melancólica do entardecer.

Não vi mais vestígio do chafariz à margem do Riachinho, alegrando aquele lugar. Sem piedade o destruíram, como uma coisa inútil, quando ele podia ter sido aproveitado em outro mister qualquer.

E não foi só aquela construção de pedra e cal, que se erguia na extremidade da alameda ali existente como um ninho de garça solitária à beira do rio, que mandaram destruir.

Apenas se vê, agora, uma meia dúzia de plátanos, a esmo, sem cuidados, nascidos à lei da natureza.

Na esquina da rua Avaí, em frente ao chafariz, existia uma bela figueira do mato, de folha miúda, bem copada, que era um encanto.

Um dia o machado municipal fê-la desaparecer dali como uma inutilidade...⁴⁹

Torna-se evidente que desta ausência de elementos, do chafariz e da figueira, resulta a percepção da velocidade do progresso, da inovação desenfreada, da tropelia persistente de imagens e sensações modernas, sendo que o machado municipal é seu principal agente. Em sua vontade de exercer poder sobre a paisagem, Achylles, por meio da literatura, sonha manipular incondicionalmente as ausências que preenchem sua memória. Tal qual Fausto de Goethe, o escritor, embebido pelo conceito moderno de paisagem, nega a primeira criação, a existência que deriva *in situ* da natureza – “Apenas se vê, agora, uma meia dúzia de plátanos, a esmo, sem cuidados, nascidos à lei da natureza”⁵⁰ –, e substitui pela segunda criação, *in visu*, produto do moderno processo de produção. Esta segunda criação, obra do desenvolvimento humano, é o alvo que Achylles tem em mira, a atração do que ainda não existe, que apenas se realizará no futuro.

Continuando com a crônica, Achylles encontra na ação da natureza a desordem e a falta de beleza estética que apenas a ação humana poderia lhe conferir. Diferentemente da concepção de paisagem norte-americana, que a identifica como natureza em estado puro, intocada, Achylles se aproxima da definição britânica, na qual se vê a mão humana, com suas qualidades próximas à de um jardim, como enfatiza Dennis Cosgrove⁵¹. A invenção da paisagem no Ocidente supõe a conjunção de dois elementos: o primeiro é a laicização dos elementos naturais (as árvores, as rochas, os pássaros etc. deixam de ser considerados elementos distribuídos em representações religiosas); o segundo é a necessidade de estes elementos naturais organizarem-se entre si em grupos autônomos. Achylles, ao descrever o local no início do século XX e comparando-o com o de sua memória, há 50 anos, situada na metade do XIX, enumera os aspectos naturais e concede-lhes o status de “pedaço desolado da natureza”:

O leito do rio não estava quase todo tomado de aguapés e outras plantas, como se observa agora.

Ainda se nota que este trecho da margem, compreendido entre a Ponte de Pedra e a de madeira, a embocadura da rua Avaí, está desbarrancando e estreitando assim, aos poucos, o Riachinho, que era um encanto vê-lo, 50 anos atrás, com outra largura.

Aquele sítio, agora, não tem mais atrativos, é um pedaço desolado da natureza. Às vezes supponho que um ciclone passou ali, e deixou aquilo neste triste estado.

49. PORTO ALEGRE, *História popular de Porto Alegre*, Porto Alegre, UE, 1994, pp. 56.

50. Ibidem, pp. 56.

51. COSGROVE, “Observando la naturaleza”, pp. 63-89.

Apenas se vê um ou outro plátano desgarrado, sem viço, em pleno abandono e à sombra de um deles um monte de molhos de capim, encostados a uns feixes de lenha⁵².

A *paisagem* enquanto conceito é a expressão mais significativa da intenção histórica de reunir imagem visual e mundo material, e é, em grande medida, o resultado deste processo. As raízes etimológicas da palavra *paisagem* têm em seu radical as conexões substanciais entre um coletivo humano e seus direitos públicos, ou de usufruto, sobre os recursos naturais de uma área determinada. As paisagens naturais deveriam domesticar-se, anexar-se à vida urbana, tal como propõe Piero Camporesi ao campo em relação ao urbano. Vista por Achylles em uma *posição estratégica*, a paisagem estabelece uma relação de domínio e subordinação entre o cronista e o objeto de visão, que estão colocados em lugares distintos. A posição privilegiada do espectador no momento de selecionar, compor e marcar o que se vê proporciona a ele o poder imaginativo de converter o espaço material em paisagem⁵³. Este gosto pela paisagem ordenada e que se submete à ação humana, basicamente burguês, encontra ressonância no país estrangeiro de Achylles:

Existe, há muitos anos, um longo trecho de cais que, partindo das imediações da cadeia, vai por ali afora até a Ponte de Pedra sobre o Riachinho e continua depois abeirando os quarteis da Brigada Militar.

O cais foi bem construído e atesta o zelo e a competência do engenheiro incumbido dessa construção.

Nesse trabalho foi consumida não pequena soma, e pena é que aquele serviço não esteja ainda completo pela falta de arborização, que devia acompanhar as obras de alvenaria.

Teríamos, então, uma avenida à beira rio, apresentando um belo aspecto pitoresco, e dando um novo aspecto à cidade baixa, que emerge risonha do azul das águas como se fosse uma paisagem do Mar Egeu.

Apesar da carência absoluta do arvoredo, que devia correr parêlho com a construção do cais que ali está, não se vê, em toda aquela extensão, uma árvore de braços estendidos para as alturas.

Parece, às vezes, que a nossa terra é de uma aridez esmagadora – um pedaço da Líbia ou do Saara, sem vegetação que alegre aquele sítio.

Imaginem que encanto não seria aquela parte da cidade, se viessem, ladeando o cais, dois renques de árvores bem copadas, como as temos em abundância em nossas matas!

Não obstante a pobreza de vegetação que apresenta este sítio que ali está, à beira de uma formosa enseada, ainda assim a sua posição topográfica é uma linda nesga da natureza.

O que não seria isto, se a mão do homem viesse em auxílio desse pedaço, pode-se dizer, em abandono da nossa cidade⁵⁴.

A nostalgia, a memória, a cidade e a natureza são elementos recorrentes na produção de Achylles, cuja construção de crônicas se caracteriza pela convicção de que o presente necessita de determinados valores humanos essenciais. O romantismo do cronista toma um momento real do passado, no qual as características modernas da capital ainda não existiam, mas cujos valores humanos ainda persistem, e transforma-o em utopia, moldando-o como a encarnação de suas aspirações. Ao combinar memória e história, Achylles é simultaneamente nostálgico, melancólico e irônico.

52. PORTO ALEGRE, *História popular de Porto Alegre*, p. 57.

53. COSGROVE, “Observando la naturaleza”, pp. 63-89.

54. PORTO ALEGRE, *História popular de Porto Alegre*, p. 60.

O passado pode ser referido tanto no âmbito histórico quanto no da memória: seus cenários e experiências antecedem as próprias vidas dos escritores, tornando-se parte de suas lembranças. De fato, Achylles aparenta ter consciência do passado como um cenário que coexiste com o presente, ao mesmo tempo em que se distingue dele. O autor tem uma percepção consciente da vida orgânica; pensa sobre suas memórias, sobre a história de Porto Alegre, sobre a idade das coisas que o rodeiam. A reflexão de cronista normalmente distingue o aqui e o agora –tarefas sendo feitas, ideias sendo formadas, passos sendo dados– de coisas, pensamentos e acontecimentos passados. União e separação do passado e do presente, entretanto, estão em contínua tensão; o passado precisa ser sentido tanto como parte do presente como separado dele. Achylles impregna de vida o passado, *como tal*, rememorando e pensando historicamente, mas o faz desvincilhando-se do presente do qual ele de fato existe:

Hoje animam a vida da cidade, antigamente tão sem diversões, os cinemas, cabarés, e os cafés, onde se faz música e ... intrigas. Entretanto, nos velhos tempos, havia mais amor às letras e às artes. Para prová-lo, é bastante nomear duas grandes instituições de antanho. Uma mais antiga: o Partenon Literário e outra posterior, a Filarmônica Porto Alegrense. De ambos fez parte a escola da intelectualidade e arte porto-alegrenses.

Saudoso tempo!

O progresso é prático. Ao invés do sonho, quer realidade. Algumas coisas, com o progresso, mudaram para o pior e, destarte, a inofensiva “rifa” transformou-se no pernicioso “bicho”; a víspora familiar foi substituído pela traiçoeira e ratona roleta.

Ai, a barateza dos refrigerantes nos rigorosos, infalíveis e calidíssimos estios antigos!

Eram, a gengibirra, a três vinténs a meia garrafa, e o melado com água e o “maduro” –a vintém o copo. Hoje, são as aristocráticas gasosa e Alcina, que não têm certamente o sabor estranho, de uma ardência toda especial, do amarelo maduro –morto, esquecido pelos velhos que o saborearam e desconhecido das gerações atuais⁵⁵.

A natureza subjetiva da memória torna-a uma bússola a um só tempo segura e instável para o passado. Quando se evoca uma lembrança, seja ela verdadeira ou falsa, essa memória relaciona-se de alguma forma ao passado. Até um equívoco de memória envolve a recordação, ainda que distorcida, de alguma coisa; nenhuma memória é totalmente enganosa. Na verdade, uma falsa recordação na qual se crê firmemente, torna-se um fato por si só⁵⁶. A relação que Achylles apresenta entre os costumes e sociabilizações da Porto Alegre de antanho e a atual favorecem as duas operações propostas para a construção de um país estrangeiro a partir da elucidação de memórias, sejam individuais, sejam coletivas. O cronista projeta sua experiência sobre fatos cotidianos, apoiado não só em suas rememorações, mas também em fatos históricos, tais como a existência do Partenon Literário e da Filarmônica Porto Alegrense, criando a tensão entre as fronteiras frágeis destes dois processos (memória e história), o que origina a mitificação de um período na qual “havia mais amor às letras”, e que embora possa ser “esquecido pelos velhos”, é “desconhecido das gerações atuais”.

A diligência de Achylles em recordar e oferecer elementos para seus leitores visitarem uma Porto Alegre estrangeira através da sua escrita na verdade se configura como a vontade de apresentar um passado que não mais existe em seus suportes físicos, reconhecendo em si o papel de observador de uma capital moderna. Mais uma vez compreende-se a necessidade do cronista em escrever suas lembranças apoiado na memória coletiva da cidade, visto que a mesma pode ser recordada por outrem,

55. Ibidem, pp. 22.

56. LOWENTHAL, *The past is a foreign country*.

inclusive os eventos que apenas o autor tenha vivenciado. É necessário apenas um testemunho para que uma recordação se perpetue e se configure como memória para um grupo, sendo lembrado em diversas ocasiões. Esse testemunho é recorrentemente utilizado “para reforçar ou enfraquecer e para completar o que sabemos de um evento sobre o qual já tivemos alguma informação”⁵⁷.

O conteúdo da escrita e das memórias de Achylles não está restrito apenas ao “passadismo” ou à aparente necessidade de exaltar as belezas naturais da cidade, ainda intocadas pela civilização. O autor é irônico quando relembra das festividades de São João, Santo Antônio e São Pedro e as atuais preferências da população urbana. A expectativa pelos dias festivos era maior no país estrangeiro de Achylles:

Antigamente os dias e as noites de Santo Antônio, São João e São Pedro eram esperadas com ânsia carinhosa e o alvoroço das ruas se casava com a alegria dos lares. Mal vinham eles se avizinando, já as tavernas perduravam às suas portas arcos de barricas cobertos com papel de cores, de onde pendiam caixas de bichas da China, busca-pés, pistolões, rodinhas, bombas, foguetinhos de vintém – toda essa pirotécnica de porta da rua porque a gurizada era louca e que nessas noites frias enchia as ruas de calor e animação. [...] As sortes de Santo Antônio, São João e São Pedro foram-se também e o precioso tempo que se perdia com elas aproveita-se hoje nos cinemas.⁵⁸

Outra crítica à modernidade realizada por Achylles pode ser encontrada com o subterfúgio de um dispositivo “moderno”: o cinema. O cronista pressente a deterioração dos costumes e dos hábitos das famílias na cidade de Porto Alegre e, rememorando suas reminiscências, critica as atividades e relações sociais do início do século XX, quando a civilização e os hábitos modernos acabaram com a tradição de noites em família:

Compridas e frias vão correndo estas noites de inverno em que, no recolhimento do meu gabinete de trabalho, fechado contra o sopro álgido da rua, vou evocando e vivendo doces coisas do passado, para me consolar do presente tão cheio de coisas amargas. [...] O cinema, pode-se dizer, acabou de matar a “vida em família”, que há muito tempo já vinha perdendo o seu encanto e desaparecendo. [...] À hora que escrevo, muitos lares estão desertos, porque as salas dos cinemas estão repletas. Antigamente não era assim. Por estas noites frias, quando as pneumonias não eram tão fáceis, como hoje, rara era a casa em que a esta hora não estivessem reunidas duas ou três famílias gozando a delícia de uma temperatura macia e de um risonho e inocente serão⁵⁹.

A relação entre o depoimento de Achylles e a memória coletiva de Porto Alegre é harmoniosa, já que ambos são compreendidos como parte de um mesmo grupo e compartilham o evento vivido e recordado. Halbwachs apresenta outra possibilidade para a construção da memória: embora privada, as recordações remetem à experiência de um grupo, e o indivíduo, embora portador da lembrança, está em constante interação com a comunidade. Suas memórias, assim, conservam-se coletivas e são reutilizadas por outros agentes sociais, mesmo quando tais lembranças remetem a eventos individuais⁶⁰. Charles Monteiro aponta que Achylles utiliza este recurso em suas crônicas com o intuito de resgatar as alterações nos espaços de sociabilidades urbanas decorridas pelo passar do tempo⁶¹. Nesses casos, o cronista refere-se a acontecimentos que ocorreram no final do século XVIII e início do XIX, elucidando:

57. HALBWACHS, *A memória coletiva*, p. 29.

58. PORTO ALEGRE, *História popular de Porto Alegre*, p. 81.

59. *Ibidem*, p. 94.

60. HALBWACHS, *A memória coletiva*.

61. MONTEIRO, *Porto Alegre e suas escritas*.

Um tempo que estava além da experiência urbana e de vida do autor, um tempo ligado à memória coletiva e a uma tradição de escritura de crônicas. A elaboração da memória deste período era fruto da reescritura de conhecimentos recebidos pela tradição oral e pela leitura de outros cronistas da cidade (Antônio Álvares Pereira Coruja e Sebastião Leão) e de estudos históricos sobre a colonização do Rio Grande do Sul de autores que lhe eram contemporâneos⁶².

Pode-se citar como ecos da Porto Alegre moderna o exponencial aumento de sua população, novas modalidades de sociabilização, lazer e trabalho, do mesmo modo como a criação de novos arrabaldes e bairros, tanto industriais quanto operários. A iluminação por meio de lampiões e velas é trocada pela eletricidade, relativamente eficiente nas ruas da região central, mas inconstante quanto mais se afasta do centro; telefones e telégrafos são instalados, e apesar de ainda ocorrer a troca de correspondências por meio de cartas, as alterações econômicas pelas quais a cidade passa exigem maior dinamismo entre seus agentes, o que não passa despercebido por sua população. Nas primeiras décadas do século XX os projetos de revitalização urbana adotam a imagem de *cidade progresso* para Porto Alegre. Articulando questões arquitetônicas, urbanísticas e sanitárias, as modificações estruturais executadas na capital sulina seguiram preceitos do higienismo, modelo parisiense em voga no período:

Em nome de uma sanidade física, a estrutura colonial ainda renitente foi implodida para dar lugar a uma nova, moderna, higiênica e ordenada. Os becos, outrora foco de doenças e lócus do crime e da prostituição, assim com os cortiços, [...] deram lugar a grandes avenidas, ordenadas, iluminadas, calçadas e “limpas”⁶³.

Estes elementos modernos diferem da capital gaúcha descrita por Achylles na crônica *Primeiros Aspectos*, na qual aponta que a construção da cidade iniciou irregularmente, mas obedecendo às instruções da metrópole, no caso, da sede colonial portuguesa em finais do século XVIII, no Rio de Janeiro. Apesar deste início acidentado, o autor comemora que as tais instruções tratavam de aspectos gerais e caros ao bem-estar e futuro dos primeiros moradores da cidade:

A cada casal açoriano era concedido um quarto de légua de terra, com a condição de logo ocupá-la, edificar aí e cultivar. As ruas não teriam menos de 40 palmos de largura. “Por elas e nos lados se porão as moradas em boa ordem, deixando entre umas e outras e para trás lugar suficiente e repartido para quintais, atendendo assim ao cômodo presente como a poderem ampliar-se para o futuro”. Bem se vê que, nestas instruções falava um grande senso prático e cuidadoso não só do presente como do futuro⁶⁴.

Dentre as inúmeras referências do cronista à Porto Alegre de sua infância, a melancolia com que o autor apresenta o texto *Liceu Dom Affonso* chama a atenção. Achylles, apontando a dualidade entre os “jovens” e a “mocidade” do século XIX com os do XX, relembra com nostalgia suas diferenças. Apesar de serem feitos com o mesmo barro, os alunos “antigos” eram mais estudiosos, mais comprometidos que os atuais:

Ali, no alto da rua da Ladeira, na esquina, onde está agora o edifício da Biblioteca Pública, há uns sessenta anos, funcionava num velho sobrado, com entrada pela rua da Ponte, o Liceu Dom Affonso. Este estabelecimento de ensino prestara bons serviços à mocidade daquela época, que era mais estudiosa que os rapazes de agora. Tanto os

62. Ibidem, pp. 300-301.

63. Cláudia PILLA DAMÁSIO, “A construção e a imagem cidade-progresso em Porto Alegre na virada do século”, em Célia SOUZA e Sandra JATAHY PESAVENTO, *Imagens urbanas: os diversos olhares na formação do imaginário urbano*, Porto Alegre, Ed. Universidade/UFRGS, 1997, p. 48.

64. PORTO ALEGRE, *História popular de Porto Alegre*, p. 13.

daquele tempo quanto os de hoje foram feitos, porém, com o mesmo barro e cosidos no mesmo forno. A diferença que havia era apenas de época e de meio⁶⁵.

A produção literária de Achylles é (re)produzida e consumida tanto pelos seus leitores quanto pelo próprio escritor. O escritor, sempre comparando a Porto Alegre de sua atualidade com a de seu passado, mas igualmente construindo seu país exótico através de memórias, tem suas crônicas como “imagens de um tempo social”, e “narrativas do cotidiano”, sendo assim elaborações do imaginário, mas permeadas e inseridas pela corrente romântica literária. Percebemos que as relações que o escritor realiza entre a capital sulina de anos pretéritos auxiliam a elaborar a imagem de país estrangeiro na Porto Alegre de Achylles. Fernando Catroga nos ajuda a compreender a maneira como o cronista utiliza esta memória para tecer a narrativa da cidade enquanto patrimônio comum a seus leitores, inserindo os logradouros da cidade em cadeias de filiação identitária entre os que compartilham de uma memória afetiva da cidade⁶⁶. Estas obras possibilitam a análise da produção de rememoração sobre o passado de Porto Alegre e a transformação desta escrita em um relato, uma narrativa moderna de um país distante. O cronista nos diz que:

As cidades não envelhecem –transformam-se. Ruas inteiras apresentam casarias muito diferentes de há meio século. Até na chamada “Cidade Baixa”, que tem sido de progresso mais lento, observa-se este fato. Apenas a rua Vigário José Inácio, antiga do Rosário, dentre as principais, apresenta, em muitos trechos, o mesmo aspecto de há 50 anos. Da rua Riachuelo pra baixo, notadamente. As praças, então incultas e abandonadas, estão hoje ajardinadas e floridas. Onde antigamente havia chafarizes jorjantes, alguns, entretanto, de certo gosto artístico, levantam-se hoje alterosas estátuas. É verdade que essas transformações destruíram muitas coisas do passado, ligadas à história local. Onde [estão] as tradicionais correntes que ladeavam a praça na Harmonia e que presas a curtos e bojudos “postes” –que eram as bocas de fogo que tomamos aos paraguaios, na cruenta e prolongada guerra, formavam uma interessante, negra e original cerca de ferro? E os relvosos vales que cortavam a Várzea ao meio e eram os restos das trincheiras cavadas na revolução dos Farrapos, em 1835? A vassoura do progresso varreu todo esse “lixo histórico” –para alindar a urbs...⁶⁷

Quando evoca a máxima de que “as cidades não envelhecem –transformam-se...”, Achylles nos oferece uma importante pista sobre a constituição de sua cidade rememorada: a Porto Alegre de suas lembranças e da memória coletiva da qual se vale é uma capital que se remodela e se torna irreconhecível para quem não acompanhou suas modificações. A arquitetura se altera (“ruas inteiras apresentam casarias muito diferentes de há meio século”), a modernidade modifica a percepção de beleza que a cidade proporciona ao espectador e o progresso apresenta-se como uma força incontrollável que se apossa de Porto Alegre. A lembrança de dois conflitos bélicos –a Guerra do Paraguai (1864-1870) e a Revolução Farroupilha (1835-1845)–, elencados por Achylles, restam apenas na lembrança e nas páginas de sua crônica, mas não na cidade. A perspectiva das modificações *in situ*, apresentadas pelo ajardinamento das antes “incultas e abandonadas” praças, remete o olhar do leitor à perspectiva moderna de Achylles: assim como em Fausto, a natureza se curva à ordem e ao rigor do esforço humano. O gosto estético do cronista, subjetivo e indireto (*in visu*), entra em contraposição com a sugestão de natureza intocada, que não sofreu interferência humana.

65. Ibidem, p. 136.

66. CATROGA, *Memória, História e historiografia*.

67. PORTO ALEGRE, *História popular de Porto Alegre*, p. 20.

Mesmo que as recordações do autor apresentem grandes volumes de informações, não passam de clarões, de vestígios do que já foi uma memória viva e complexa. Memória e história, enquanto processos humanos e coletivos, inserem indivíduos em correias de filiação identitária, distinguindo grupos entre si; as crônicas, por sua vez, são os fragmentos residuais dessa operação. É com o gênero da crônica, pois, que Achylles revela o seu talento. Indiferentemente do quão lembrado ou reproduzido, o passado progressivamente escurece-se em sombras, priva-se de sensações, apaga-se pelo esquecimento, mas retorna com um novo brilho nas crônicas do velho Achylles⁶⁸.

Considerações finais

Confiar nas lembranças, sejam coletivas ou individuais, é primordial para que a experiência de pertencimento a determinado grupo faça sentido e possa dialogar com o tempo presente; assim como a memória corrobora a identidade pessoal, a história perpetua a autoconsciência coletiva. Para compreender seu passado e o que podem realizar, os grupos sociais definem a si mesmos através da história da mesma forma como um indivíduo o faz através da memória. Na verdade, o exercício da operação historiográfica é essencial para a preservação social. Declarações individuais sobre o passado ajudam a conservar os acordos coletivos existentes, e a transmissão de fatos históricos, sejam eles reais ou fábulas, alimenta o sentimento de pertencer a instituições coerentes, estáveis e duradouras.

60

Ao se perceberem claudicantes frente ao passado, os escritores não escondem sua ânsia em confirmar que seus relatos tenham validade. Para assegurar que os acontecimentos pretéritos foram tão importantes quanto os presentes, Achylles nos satura de detalhes e fragmentos de passado, ratificando a memória e a história de forma tangível. A necessidade de reflexão para aferir a veracidade do passado substancia a consciência de que o passado nunca pode ser tão conhecido quanto o presente. O passado, então, é o país estrangeiro de Achylles, onde tudo é feito de modo diferente: os personagens são diferentes, mas mantêm características análogas às do presente; o casario desaparece e permite que novas construções, mais higiênicas, espaçosas e menos modestas, tomem seu lugar; “o progresso mata o pitoresco, mas o embeleza”⁶⁹. Na cidade estrangeira de Achylles, a atenção também está no resgate das tradições populares, das *vernissages* e dos saraus que foram substituídos pelos cinemas, cafés e cabarés. O cronista pinta um quadro que não é necessariamente mais estático ou menos frenético, mas que deve ser contemplado como uma paisagem alhures, estrangeira não só para quem lê, mas para quem escreve.

A terra distante e exótica das memórias de Achylles encontra materialidade em suas crônicas. Os mitos, os casais açorianos fundadores do acanhado, porém lúdico povoado que virá a se tornar a capital do Rio Grande do Sul, ajudam a criar no imaginário dos leitores, *in visu*, uma paisagem na qual o “duro trabalho do machado, fazendo derrubadas, e da enxada e do fogo, cavando e aplainando o terreno para o começo de um mundo e o princípio de muitas e grandes vidas”⁷⁰, difere da capital urbana das primeiras décadas do século XX. Interpretando o momento presente

68. LOWENTHAL, *The past is a foreign country*.

69. PORTO ALEGRE, *História popular de Porto Alegre*, p. 20.

70. Ibidem, p. 11.

conforme o vive, ao passo que seus olhos e suas recordações se voltam para o passado e observam a sua operação concluída, Achylles oferece as ferramentas para que possamos compreender como a cidade se expandiu e se modernizou, gradualmente despindo-se de seu véu bucólico.

Não se pode esquecer de citar que o país estrangeiro de Achylles é embebido por um sentimento de retorno ao lar, no qual a nostalgia do passado está ligada à crítica ao capitalismo e tem como objetivo evocar um passado idealizado. O desejo de retornar a algo anterior é a essência do movimento romântico; este passado, objeto de nostalgia, é imaginado e construído através de memórias. A cidade de Achylles tem como alicerces determinados momentos de seu passado, no qual os modernos atributos funestos do progresso não existiam. A Porto Alegre ideal, quase utópica de Achylles, característica própria das aspirações românticas do final do século XIX, vive por meio da melancolia de suas crônicas. Roberto Gilodi se aproxima de Achylles ao definir esta “melancolia” como a condição permanente do espírito romântico, do dualismo cartesiano entre a razão e o sentimento. Esta polaridade demarca os limites que separam a inatingível completude estética do passado e a verdade irremediável do caráter accidental do presente⁷¹.

Os escritores românticos reagem a determinadas características da modernidade que lhe parecem intoleráveis, e, do mesmo modo, Achylles exprime suas angústias em formas de crônicas. A perda de sentimentos de alegria e regozijo para com diversos aspectos da cidade, sejam em relação ao meio físico, às festividades ou mesmo quanto a aspectos mais subjetivos, como o *caráter* dos jovens, não escapa à pena do cronista. É possível perceber certo desencanto do autor para com a sua atual Porto Alegre, seus habitantes e os desvios e mudanças de seus costumes.

A dualidade entre o entusiasmo do progresso que irradia o nascer do século XX e o sentimento de nostalgia pela Porto Alegre provinciana dos séculos XVIII e XIX coexistem no país estrangeiro de Achylles. Não é estranho que tais sentimentos permutem espaço em suas crônicas, apresentando ora elementos que confirmem uma posição ou outra. É da natureza dos escritores românticos tal dicotomia. A narrativa moderna de uma Porto Alegre, ofertada por Achylles, sempre contrapondo o provincianismo progresso, o bucólico ao urbano, não é exclusividade das crônicas porto-alegrenses. Diversos outros cronistas, de ambos os lados do Atlântico, propuseram tal exercício: a Paris de Balzac, Mercier, Choay, entre outros, o Rio de Janeiro de João do Rio e Lima Barreto, e principalmente Machado de Assis, a Buenos Aires de Roberto Arlt, apenas para citar alguns. Achylles percebe as mudanças no ritmo da cidade, as alterações nos perfis populacionais e nos emaranhados ocupacionais, assim como a formação das mais diversas sociabilidades em Porto Alegre, seja na região central, seja nos bairros periféricos e nos arrabaldes. As modificações provenientes da imigração durante o século XIX, principalmente alemães e italianos, agregaram outras maneiras de apreciar os antigos costumes porto-alegrenses. A cidade se transforma e a percepção da metrópole como um “estilo de vida” é incorporada por imagens traduzidas da cultura de outros países⁷². Raymond Williams relaciona a cidade

71. Roberto GILODI, “A melancolia: Anton Reiser (Karl Philipp Moritz, 1785-90)”, em Franco MORETTI (ed.), *A cultura do romance*, São Paulo, Cosac Naify, 2009.

72. Núncia SANTORO DE CONSTANTINO, “A conquista do tempo noturno: Porto Alegre moderna”, *Estudos Ibero-Americanos*, XX (1994), pp. 65-84, <https://doi.org/10.15448/1980-864X.1994.2.29002>.

à concepção de um centro de realizações, de saber, de comunicações, de modernidade e de luzes⁷³. A Porto Alegre estrangeira de Achylles comporta estes dois mundos.

73. Raymond WILLIAMS, *O campo e a cidade na história e na literatura*, São Paulo, Companhia das Letras, 2011.